

# **EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE CANTIGAS DE RODA E BATALHAS.**

*Simone Alves*

## Identificação do contexto escolar

A prática pedagógica que busco relatar é uma prática que vem sendo realizada numa CEMEB<sup>1</sup> localizada na cidade de Várzea Paulista. Esta unidade escolar está em seu 12º ano de atendimento à comunidade, atendendo nos períodos manhã e tarde, 10 turmas de Ensino Fundamental e 06 turmas de Educação Infantil, somando aproximadamente 385 crianças que são moradoras de vários bairros da cidade, e devido à escola se localizar próxima a divisa com outro Município, atende também crianças moradoras desta cidade vizinha. As crianças, quando não estão na escola, de modo geral, ficam aos cuidados de familiares, geralmente avós e algumas aos cuidados da mãe uma vez que é sabido que os pais, em sua maioria, são operários em indústrias locais e de cidades próximas como Jundiaí e Campo Limpo Paulista.

As turmas de Educação infantil, da rede municipal, são atendidas por dois docentes, sendo o professor/a titular de sala e um professor/a da disciplina de Educação Física. O relato que segue é uma prática pedagógica que vem sendo construída com as crianças da Educação Infantil II<sup>2</sup>, que é composta por 18 crianças, sendo 07 meninos e 11 meninas.

Estando a unidade escolar subordinada à prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Educação, deve atentar para algumas normas elaboradas pela gestão educacional do município, o que sugere que contemple no PPP<sup>3</sup> algumas orientações curriculares propostas pela equipe central. Estou no terceiro ano de trabalho na Unidade, neste período venho notando a necessidade de rupturas do modo de compreender esta etapa de Educação, uma vez que tais orientações enfatizam o brincar, e o defende como algo intrínseco da infância.

“Uma das características da infância é a brincadeira, atividade fundamental ao desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. O brincar e o jogo são formas básicas da infância, os jogos e as brincadeiras sempre existiram

---

<sup>2</sup>Último ano das turmas que cursam a Educação infantil composta por crianças que completam 5 ano até março de 2012, registradas na PRODESP como Etapa II.

<sup>3</sup> Projeto Político Pedagógico.

independentemente da época, e são transmitidos de geração para geração. Através das brincadeiras, a criança se apropria da realidade, criando um espaço de aprendizagem, onde expressa de modo simbólico suas fantasias, desejos, medos, sentimentos e os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao assumir o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação, o que facilita a elaboração do diálogo interior característico do seu pensamento verbal. A partir desse enfoque a educação infantil deve ser essencialmente lúdica fundada nas experiências e no prazer de descobrir e desvendar a vida.” (Referencial Curricular Municipal ,2009 )

Diante do exposto, pode-se afirmar o desejo pela manutenção de uma ideia cristalizada sobre a infância, entretanto, quando se está com as crianças esses discursos parecem não contempla-las plenamente como se supõe acreditar. Elas se relacionam de múltiplos modos, elas escapam desta definição. Isto posto, como as práticas pedagógicas planejadas legitimam ou resistem a tal concepção? Obviamente o trabalho não possui a pretensão de esgotar ou responde-las, mas possibilita refletir sobre elas.

### Práticas pedagógicas

Na Educação Infantil desta cidade existe um período no início do ano letivo denominado de semana de adaptação<sup>4</sup>. No que tange a este período e pelo modo que as aulas foram distribuídas, acabei não encontrando as crianças na semana de adaptação, vindo encontra-las após 02 semanas do ano letivo em curso.

Para dar início ao trabalho, conversei com a professora titular de sala buscando informações de como as crianças vinham se expressando nestes dias iniciais, pois embora elas já conhecessem a dinâmica escolar, algumas coisas haviam mudado, por exemplo, a própria professora titular de sala. A fala da professora não evidenciou nenhum estranhamento da turma em relação a este novo período, disse que a turma não havia reclamado e me relatou ainda que as crianças tinham perguntado por mim<sup>5</sup>, que havia levado-os ao parque, brincado com terra e baldinho, e, também com os brinquedos do armário<sup>6</sup>.

Após estas duas semanas iniciais do ano letivo, tive meu primeiro encontro com a turmas, o que transcorreu de modo muito amistoso. Levei os brinquedos do armário

---

<sup>4</sup> Elas tinham sido minhas alunas nos dois anos anteriores

<sup>5</sup> Período que compreende as duas primeiras semanas do ano letivo em que as crianças permanecem na Unidade Escolar pela metade do período (duas horas e meia).

<sup>6</sup> Os Brinquedos do parque são: 01 escorregador, 03 gangorras, 01 gira gira e 03 balanças. Uma prática comum é as professoras conciliar o brincar nos brinquedos do parque com brincadeiras na terra, então permite que as crianças levem ao parque, baldes, pás e água. Já os brinquedos dos armários são bonecas, bola, tratores, caminhões e carrinhos.

anteriormente usado pela professora, para a quadra, e ia aproveitando para conversar sobre “o que elas haviam feito quando estiveram longe da escola, do que tinham brincado, com quem ficavam”. As respostas eram que haviam “ficado na avó, brincado com o primo, e, vendo televisão”, cabe dizer que todos disseram ver televisão.

Na minha segunda aula com a turma, algo começou a chamar atenção, as meninas sob alegação do calor, começaram a dobrar a camiseta e prender a ponta por dentro da gola, o que me levou a questioná-las a respeito daquele gesto, e, num primeiro momento elas disseram que era devido ao do calor, entretanto tal resposta não me parecia expressar os significados do mesmo, mas não insisti em busca de outras respostas, somente continuei a observar em quais momentos ele ocorria, pois segundo Neira e Nunes (2006) o gesto é uma expressão da representação de cultura, transmitindo significados.

Na aula seguinte autorizei que levassem para quadra os brinquedos que as crianças tinham na mochila, também levei bolas, e disse que poderiam brincar, e não intervi na atividade. Rapidamente notei o desinteresse pelos materiais levados, e pude ver um grupo de meninas num cantinho da quadra, repetindo o gesto de levantar a blusa e dançando.

Na aula seguinte, quis saber um pouco mais, sobre o que elas dançavam, ainda inicialmente um pouco retraídas, disseram que era a música da “novinha” e da “balada”<sup>7</sup>, e começaram a cantar para eu ouvir. As crianças cantaram e dançaram a música, depois desta primeira, outras vieram<sup>8</sup> e já contando com a participação dos meninos, e cada música que as crianças cantavam, havia também uma coreografia.

No dia seguinte a esta aula, a professora de sala me procurou para apresentar um bilhete no qual a mãe relatava que era um absurdo permitir que as crianças cantassem e dançassem aquele tipo de música. Cabe ressaltar que a filha em questão, sabia cantar todas as músicas, bem como conhecia a coreografia que as demais crianças realizaram.

Como o repertório de músicas e danças foi extenso bem como o grande interesse da turma pelas mesmas, notei que trabalhar com a manifestação dança seria considerar o contexto em que as crianças estão imersas e um modo de dar voz às mesmas.

---

<sup>7</sup> Se referiam a música, prisioneira do bonde do tigrão e Ai Se Eu Te Pego, de Michel Teló.

<sup>8</sup> Balada boa, Gustavo Lima, Dança *Kuduro*, Latino, , Sabor de mel, Damaris, dança, Eu quero Tchu tchá tchu, João Lucas e Marcelo.

Tais acontecimentos emergiam, e eu os encarei como possibilidades pedagógicas que dialoguem com os interesses das crianças. Partindo daí, elaborei um bilhete para as famílias no qual pedia para que fosse indicado a musica que a família tem costume de ouvir e que se tivessem o costume de colocar musicas para as crianças que enviassem para a escola o nome das mesmas poderiam indicar a musica, ou o cantor, para assim verificar quais musicas fazem parte do cotidiano das crianças.

As respostas foram chegando, e as mães tem respondido que raramente as crianças ouvem musicas, pois dificilmente se escuta rádio em casa, salvo algumas exceções e algumas vezes se ouve no celular de algum adulto da família musicas como funk, eletrônico, sertanejo, outras respostas aparecem citando os nomes de cantores, como Michel Teló, Jorge e Mateus, Luan Santana, Latino, Parangolé, Margareth Darezzi, João Lucas e Marcelo.

Para que as crianças realizassem atividades de dança das musicas apresentadas na agenda, eu as levei para a sala de vídeo e coloquei as musicas de diversos ritmos, curiosamente quando havia a mudança do ritmo, as crianças também mudavam seu modo de dançar. Ressalto que enviei as famílias duas questões, e obtive respostas muito distintas. As musicas da família foram apresentadas os cantores acima citado, já as musicas que foi dito que as crianças ouvem são temas tidos como infantis<sup>9</sup>, entretanto quando eu coloco as musicas tidas como das crianças, elas tecem criticas sobre as mesmas, e muitas vezes não dançam, assim eu as questioneei: “você não conhece a musica? Porque não cantam e dançam”? As crianças respondem que “são musicas sem graça”. Numa de nossas aulas iniciamos cantar a musica se eu fosse um peixinho, musica tido como infantil, uma menina entrevistou dizendo que era “uma musica chata, coisa de bebezinho”.

Cabe apontar que os modos que as crianças dançam as musicas como funk me causou elevada estranheza, pois mesmo buscando negar a ideia romantizada do ser criança, naquele momento considerei que estava diante de questões fortes e urgentes, uma vez que minha leitura sobre os modos das crianças dançarem me soou como uma precoce adultização e erotização. Como conduzir o trabalho com tais crianças de modo a legitimar seus saberes? Como trabalhar com essas “formas” de dança e representações de modo a não impor modos tidos como corretos, sem assumir uma defesa da inocência e pureza, da infância?

---

<sup>9</sup>Atirei o Pau No Gato. Galinha Pintadinha, Patati Patatá pintinho piu, Pipoca pula, Se eu fosse um peixinho e soubesse a nadar

Estas indagações me levaram a conversar com outras professoras<sup>10</sup>, a pedir ajuda, embora sabemos que não há receituário didático. Ao trocar alguns e-mails com outros docentes, acessar outros textos, pude refletir melhor um pouco mais sobre o que vinha ocorrendo, pois diante de vários elementos que elas acessam vai produzindo outras configurações sobre as crianças, como afirma Scherer (2009)

Estender um olhar significativo para como se dá o processo de reconstitucionalização é condição fundamental para compreendermos a infância que se personifica na figura das crianças que povoam as ruas, as praças, os parques e com as nos deparamos diariamente em nossas escolas: plurais em seus modos de ser e viver, investidas de novos papéis e estatutos sociais como resultado dos novos tempos que estão se configurando. (p.04)

Diante do que nos aponta a autora, pode-se considerar que a partir de novas configurações sociais, novos arranjos são construídos e forjam uma infância que se apresenta disposta a ocupar seus espaços.

A partir destes contatos, tenho questionado as alunas e alunos sobre o que é ser criança para elas, já que rejeitam as danças “infantis” tenho questionado: com quem vocês aprenderam a dançar? Onde vocês viram alguém dançar assim? O que vocês assistem na televisão?

Tais respostas nos ajudam a compreender como certas coisas vêm sendo construídas, pois ao atentar para os elementos que elas estão quotidianamente consumindo, vamos tendo uma noção aos mais diversos fatores que vão construindo suas subjetividades, pois além de todo suas relações familiares e escolares, elas apontam que acessam por meio da televisão à programas de auditório, *reality show*, novelas, e desenhos animados<sup>11</sup>.

Pode-se perceber que a mídia tem exercido grande influencia em seus comportamentos, uma vez que somente uma criança aponta que aprendeu a dançar com o pai, as demais foram com a televisão.

Fiz novos questionamentos, existe dança de criança e dança de adulto? Algumas respondem que sim, outras dizem que não, mas entram em consenso ao dizer que musica de criança é chata, sem graça, então lhes pergunto: “é ruim ser criança”? No qual ele a respondem que “sim, é muito ruim”, outra questão que fiz foi: “porque é legal

---

<sup>10</sup> Marília Menezes Nascimento Souza e Camila Silva de Aguiar, membro do grupo de pesquisa GPEF.

<sup>11</sup> Assistem ao programa do Celso Portiolli, Faustão, TV Xuxa, dança gatinho, qual é o seu talento, Raul Gil, Big Brother, novela Fina Estampa, desenhos animados diversos.

ser grande”? “Porque pode ir ao baile funk, pode namorar, pode dirigir, pode beijar na boca, e criança não pode fazer nada disso”.

Diante do exposto, pode-se notar a necessidade da escola em empreender esforços em ações pedagógicas que dialoguem com as questões as quais os discentes estão imersos.

Para conversar um pouco mais sobre o que é ser criança, organizei um debate entre esta turma e algumas crianças do Ano IV da mesma escola. Neste debate, as crianças do Ano IV apresentaram algumas vantagens de ser criança: “ser criança é bom porque depois que você cresce não tem tempo pra mais nada, e só trabalhar e pronto, a gente pode brincar, e fazer um monte de coisa de criança, já os menores, insistia que ser criança era muito ruim, não podiam fazer nada”. Este debate foi um pouco frustrante, pois de parte das crianças mais velhas, não foi apresentado motivos para ser criança, mas sim, para não ser adulto, já que elas possuíam outra representação sobre o fato.

Dando continuidade as danças, oportunistei momentos para que cada criança pudesse expor seus saberes, verificava a musica enviada pela família da mesma e organizava para que a criança, dançasse ou comentasse sobre a musica, havendo inclusive um momento em que uma aluna levou sua flauta e tocou uma musica<sup>12</sup> para as demais.

Nas nossas aulas, bem como nos outros momentos das crianças na escola, tenho visto com frequência algo também curioso. Uma garota faz sons com a boca e diz ser Beat Box, e que as crianças tem identificado como igual ao que acontece no programa da Xuxa<sup>13</sup>, enquanto ela faz este som, um garoto que irmão gêmeo da menina realiza uma gestualidade de passos de dança, já outra criança faz uma dança e dizem que é a dança do Michael Jackson, todos estes episódios são classificados pelas crianças como hip-hop.

Já tínhamos transitado pelas musicas que as crianças haviam trazido, e agora surgem estes elementos que vai ao encontro da manifestação do hip hop, assim a próxima etapa da atividade voltou-se para o mesmo sendo esta manifestação a escolhida para melhor conhecê-la.

---

<sup>12</sup> O trem de ferro quando sai de Pernambuco.

<sup>13</sup> Estavam se referindo ao concurso de dança de rua do programa da Xuxa

Esta decisão pela manifestação do hip-hop foi algo preocupante para mim, pois como profissional me deparei com uma manifestação da qual pouco conhecia, sendo assim iniciei algumas pesquisas, conversas com amigos e conversas com outras pessoas que conheciam a manifestação.

Para iniciar o trabalho levei algumas músicas pertencentes a manifestação e oportunizava meios para as crianças participar de atividade de dança. Na busca de aprofundar os saberes das crianças a respeito da manifestação, desatrelando-os da condição de consumidores da manifestação, percebi que deveria fazer uma imersão na manifestação. Deste modo, levei a elas três vídeos<sup>14</sup> de programas televisivos onde podia se ver pessoas dançando o hip hop em distintos estilos, também levei músicas onde as crianças puderam dançar segundo a representação que elas possuíam da manifestação. Após esta etapa, organizei para que dois dançarinos de street dance da academia que aparece em um dos vídeos fosse a escola para conversar um pouco com as crianças sobre a manifestação. Expliquei para as crianças que receberíamos os dançarinos de uma academia da cidade de Jundiaí<sup>15</sup> para conversar e dançar com elas.

Na presença dos dançarinos algumas crianças ficaram um pouco retraídas, o que não impediu que participassem das atividades propostas. No dia da visita, os dançarinos fizeram passos Popping, Locking, Breaking, Freestyle e house dance, explicaram para as crianças sobre a origem da manifestação, falou das batalhas, dos diferentes estilos e também demonstrou gestos de cada um deles e após explicar o que era a ‘batalha’ realizou dois grupos para uma batalha.

Na ocasião, as crianças fizeram algumas perguntas: “onde eles dançavam, se existia uma escola para aprender dançar, se tinha criança lá na escola deles, como que era o local, se tinha professor”, as quais foram prontamente respondidas pelos dançarinos.

Após notar este interesse das crianças em saber de onde vinham aqueles meninos, e de como é uma escola só pra dançar, organizei para que fizéssemos uma saída pedagógica até a academia. Quando fomos, assistimos a vídeos de apresentações dos dançarinos, falamos com outros representantes da manifestação, e fizeram passos específicos de dança, bem como dançaram juntamente com os integrantes da academia.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hZUTBkhUkOg>, <http://www.youtube.com/watch?v=HwNGAjsVQqc>, <http://www.youtube.com/watch?v=N84hymb7Evc&feature=related>. Acesso em 27/03/2012

<sup>15</sup> Academia Kahall de dança

Nas aulas seguintes retomei com eles a ideia de que o hip hop era um modo de dançar, desenhar, cantar, se expressar, assim poderíamos fazer quatro coisas: dança, grafite, MC, e DJ. Disse a elas que eu era a DJ porque eu que controlava o som, em outras aulas as crianças também contribuía para colocar a musica, embora elas também possuía uma representação do que era ser DJ, pois comentaram que tinham visto o DJ da Xuxa.

Na etapa seguinte do trabalho foi abordado o MC, expliquei para as crianças que o MC também faz parte da manifestação Hip Hop, e provoqueei as crianças no sentido delas serem os MC.

A primeira atividade proposta foi que as crianças ao dançar, deveriam escolher um DJ ajudante do dia e que fossem apresentadas pelo MC, e assim passamos a nos organizar. A proposta para o trabalho do MC foi de modificar as letras das musicas infantis que elas achavam “chatas” e “sem graça”, colocando nas mesmas, situações ou palavras que estavam incomodando a turma, conforme podemos observar nas cantigas que as crianças modificaram: *se eu fosse um peixinho, soubesse a nadar, eu tirava o palavrão do meu coração.*

Ressalto que para estas crianças, a questão dos “palavrões” muito lhes incomodava, uma vez que elas falavam na escola, e estava gerando muitos conflitos, pois havia o interesse escolar de que certas palavras não fossem mencionadas.

Outra canção criada foi: *o trem de ferro quando sai de Pernambuco, vai fazendo tchucu tchucu com vontade de chegar. Leva embora, a arma, o palavrão e o bandido pra ficar escondido.*

Novamente o palavrão voltou para a musica, bem como outras questões como arma e bandido, as quais foram motivos para conversas sobre os motivos que elas tinham para querer estes elementos distantes deles. Nestas conversas podia se notar a preocupação das crianças com estes temas. Elas mencionaram diversos tipos de arma, uma menina disse que “a policia não podia usar arma porque o bandido pode pegar e fazer mal para as pessoas”<sup>16</sup>. Também perguntei se a musica ainda estava “sem graça, ou se era coisa de bebezinho” e com excessão de uma criança, elas disseram, “não prô, agora ta legal” legitimando a produção que elas haviam feito.

---

<sup>16</sup>Nesta escola, a PM leciona aulas para a turma do V ano, no programa PROERD e quando um policial e uma policial que frequentavam a escola para ministrar o curso e ambos transitam por toda escola com a arma exposta.

Deste modo, podemos notar que as crianças também são produtoras de cultura e não somente consumidoras acríticas, e que percebem e participam da construção e organização social sendo afetadas pelos distintos elementos que acessam quotidianamente.

A próxima etapa do trabalho foi o grafite, enquanto pesquisava algum local para que as crianças pudessem ver um trabalho de grafite, nossas aulas continuavam. Entrei no assunto sobre o grafite, estava explicando a elas que era também parte do hip hop, e que o grafite foi um modo encontrado para falar sobre alguns assuntos por meio do desenho, da arte, e que as pessoas desenhavam para expressar algo que elas gostavam, ou algo que elas não gostavam, coisas que incomodavam, ao passo que quando estava explicando o que era, uma criança me interpelou dizendo: “eu vi isso na novela”<sup>17</sup>, “o rapaz tinha usado pra pedir pra soltar as empreguetes”. O relato desta criança foi muito interessante, pois as demais da turma, logo lembraram da cena e teceram vários comentários, e compreenderam a motivação para grafitar. Diante disso, disse a elas que não tínhamos todos aqueles recursos que o “rapaz” da novela utilizava, neste momento parte deles uma sugestão: “a gente pode fazer com giz mesmo”.

Utilizando giz, muitos desenhos foram feitos, alguns evidenciavam o que as crianças gostam, outros, denunciavam questões que as crianças não gostam. Chamou-me atenção um desenho feito por uma aluna e quando eu perguntei o que era, ela disse assim: “essa sou eu, esse é o chinelo, e essa é minha mãe, eu escrevi, não bata em mim que eu não gosto”. Também teve um desenho que quando eu questionei do que se tratava a criança disse: “essa é minha casa, meu pai e o bandido”, então eu perguntei, porque você quis fazer este desenho, e ela me respondeu que não gostava do bandido e tinha medo dele entrar na casa dela.

Durante as atividades sentia a necessidade de registrar as aulas, para tanto, utilizava de fotos, filmagem, registros escritos, o que contribuía para planejar as ações didáticas, embora alguns fatos relevantes ocorrem também fora de nossas aulas, outro dia, durante o intervalo, as crianças me procuram para mostrar o boné de um aluno, onde estava escrito *pixa in*, ao me encontrar as crianças disseram que o boné era de hip hop, embora ainda não falamos sobre como os representantes desta manifestação se vestem. Perguntei como elas sabiam que era de hip hop, e de modo muito engraçado elas afirmaram: “porque é igual a do Neymar (um dos dançarinos que estive na escola

---

<sup>17</sup> Novela cheia de charme da rede globo

que tinha o mesmo corte de cabelo do jogador). Esta passagem é muito relevante, pois evidencia que de algum modo as crianças identificam elementos pertencentes os sujeitos praticantes da manifestação estudada.

O trabalho com as crianças ainda não está findado, pois foi agendado uma visita ao centro de economia solidária de Várzea Paulista, pois lá há aulas de para DJ e grafite, entretanto, por conta do recesso esta etapa foi adiada.

### Breves considerações

A construção desta prática pedagógica ocorreu de modo muito surpreendente, pois as crianças estavam mesmo a fim de desestabilizar algumas “certezas”. Pode-se afirmar que contrariando o que está explícito no PPP, a apropriação da realidade não está somente atrelada a brincadeira, pois as crianças estão no mundo, acessam, produzem, e questionam a cultura.

Nos permite repensar as definições de infância, e a quem tal definição beneficia, uma vez que como nos alerta Corazza (2002) a infância foi uma invenção surgida no bojo da modernidade e juntamente com ela todo um aparato.

Com o desenrolar das ações, diante dos inúmeros apontamentos feitos pelas crianças, posso afirmar que estas crianças travam “batalhas” diárias nos diversos meios em que circulam, por um lado a família que nega as músicas que as crianças acessam pela televisão, a escola que tenta a todo instante formatá-la dentro de uma lógica do que é ser criança e todo bombardeio midiáticos, a polícia que transita livremente armada pela escola, entre tantos detalhes as quais elas são submetidas.

Realizada estas ações avalio que as crianças tiveram a oportunidade de acessar informações além das apresentadas nos programas que elas citaram, ampliando assim o conhecimento da manifestação. Tiveram a oportunidade de debater questões por meio da resignificação que fizeram das cantigas, embora não enfatizemos as diferenças entre os estilos de dança, penso que elas avançaram no entendimento da manifestação, uma vez que transitaram pelos quatro elementos do hip hop.

## Referencias

CORAZZA, S. M. Era uma vez...Quer que conte outra vez? – As gentes pequenas e o individuo. In: GARCIA, R. L. (org) **Crianças essas conhecidas tão desconhecidas**, Rio de Janeiro: DP &A, 2002.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. *Pedagogia da cultura corporal: critica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.

SCHERER. M.R. A globalização e a infância: reflexos e reflexões nas falas das crianças. 2009 Disponível em: [://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20\(4\)](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20(4)) Acesso em 14/06/2012.